

## ***Rabanete Rapunzel: um espetáculo que precisa ser vestido de fantasiamento***

*Por Alexandre Mate<sup>1</sup>*

Em um lindíssimo sábado de sol, dia muito iluminado (pelo menos em Santos, onde moro atualmente), apresentou-se na 35<sup>a</sup> edição do Festivale o espetáculo *Rabanete Rapunzel*. Em tese, pelo tema apresentado e tratamento utilizado, trata-se de uma obra mais diretamente direcionada ao universo infantil. Tomando o título do espetáculo, naquilo que até pouco tempo atrás se nomeava (e dividia) Ocidente e Oriente, principalmente em imensos territórios do segundo bloco, consumia-se muito rabanete. Na atualidade e mais próximo de nós, é possível que a totalidade das crianças (e também das/dos adolescentes) não conheça um rabanete ou seu gosto. Entretanto, isso não importa, em razão de Rapunzel, e suas longas tranças, caracterizar-se no “sobrenome” da personagem que vem sendo divulgada no universo das histórias de fadas. Aprisionada por maldade humana, Rapunzel é fechada em torre de um castelo até um príncipe salvá-la, libertando-a da condição de prisioneira.

Em tese, Charles Kray, o adaptador da história (que também assina a direção, atua – como ator e manipulador), promove uma adaptação à narrativa mais oficial cujo resultado fica meio confuso. Então, em razão de haver muitas lacunas não compreensíveis, algumas inserções narrativas, possivelmente, fariam com que o espetáculo fosse melhor apreendido. Não se trata de subestimar a capacidade das crianças, mas, e no melhor dos sentidos, facilitar o acesso delas à obra. Penso, porque sugeri durante o debate, que a atriz Julia

---

<sup>1</sup> Alexandre Mate é mestre pela ECA/USP, Doutor em História Social pela FFLCH/USP; professor-orientador no programa de pós-graduação do Instituto de Artes da Unesp/SP; dedica-se à pesquisa teatral, autor de inúmeros textos e alguns livros na área teatral.

Fraga poderia assumir esta função. Exemplificando, apresentar tempo e espaço seria bem interessante (Banhado... no ano de 3100...), o valor que teria, então, o rabanete: gosto, formato, onde nasce (árvore, sob a terra, como a batata)... porque as mulheres grávidas interessar-se-iam por eles... Inventar e imaginar, logo no começo poderia trazer outro estado.

Eva Sielava, debatedora e curadora do Festival, antes de apresentação do espetáculo, convida o trio da cena (Charles Kray, Felipe Uchoas e Julia Fraga) para comentar sobre o espetáculo. Cada um a sua vez, mostra-se bastante sério e tece comentários bastante telegráficos e rápidos.

Fundamentado na forma do teatro de animação, sobretudo Charles e Filipe manipulam os bonecos, em uma empanada que conta com uma casa de uma Bruxa. Imagino que de perto os efeitos da construção cênica possam ser bem interessantes, na virtualidade perdem-se muitos detalhes. A primeira cena, salvo engano, não tem a ver com a narrativa de Rapunzel, ela serve para apresentar os dois bonecos que reaparecem como atores. Trata-se de um belo efeito, mas poder-se-ia apresentá-los como testemunhas da história que será contada, como parentes, criadores da obra, como um golpe de magia...

Arlechino e Trufaldino são os atores-bonecos (sendo que os nomes ligam-se à tradição da *commedia dell'arte* italiana, do século XVI). Como clowns (ambos usam nariz vermelho), mas Trufaldino usa um chapéu do cangaço. O espetáculo é muito sério, talvez com uma lógica muito adulta. Os lindos sorrisos dos três interpretes é percebido apenas no bate-papo, Charles Kray, que entende do assunto, apresenta rapidamente uma diferença entre o mamulengo e o títere. Em tese, Charles afirma que o títere de que lançam mão para apresentar a obra liga-se à tradição chamada "luva platina", que seria mais lenta em relação à mamulengueira. Talvez tal determinação mais do sul do país (e países vizinhos) promova a seriedade, mas, realmente mesmo sem conhecer a tradição, insisto quanto ao espetáculo ser muito sério, rígido. Evidentemente, posso e devo estar equivocado, mas não é uma obra que encanta, que provoca o sonho, que intenta a imaginação...

Além de retomar a narrativa ou, quem sabe, adotar o texto original, aprimorar a dupla de clowns de acordo com as tradições de palhaço (mandão e sujeito que faz tudo errado), pantomimas, repetições, trocadilhos, brincadeiras

populares...poderiam ajudar muito. Em determinado momento da apresentação, entra uma música (com função narrativa), mas ela “briga” com a fala das personagens em cena, mesmo aparecendo tão baixa.

Sim, há belos momentos na obra, mas o aparecimento do Príncipe, manipulado por Julia Fraga é lindo e colorido; o final também é muito primoroso, quando os atores-manipuladores se descobrem a si mesmos no boneco (ou vice-versa).